Leão do NORTE

PADRE MONTE

1.ª EDIÇÃO

— **A vida não é o nervo,** com o qual reduzira a silêncio certo facultativo que, no interior do Estado, costumava fazer propaganda de ateismo entre as famílias. Também êste escrito será entregue às chamas. Na gaveta central da sua escrevaninha achamse os originais de uma monografia a sair sôbre Psicanálise, em que várias teorias de Freud são brilhantemente refutadas. O seu primeiro pensamento ao tocar nessas folhas preciosas foi incinerá-las, mas, recua vacilante:

— Não! Isto deve ser poupado! Entretanto, pondera, se esta obra vier a ser publicada, a crítica freudeana tentará por certo pulverizá-la. Haverá quem me faça as vezes na réplica?

A dúvida persiste, mas êle passa adiante...

Se em meio a essa tarefa de extermínio alguém lhe perguntasse por que destruia assim, tão friamente, o seu tesouro literário, fruto de penosas lucubrações e testemunho inconteste do seu amor a Deus e a Ciência, é provável que dos seus lábios trêmulos escapasse esta resposta:

— É porque vou mudar-me para longe!... para muito longe daqui!...

Leão do NORTE

PADRE MONTE

1.ª EDIÇÃO

— 1944 —
Editôra "AVE MARIA" Ltda.
São Paulo

DO MESMO AUTOR:

SAUDADES (Crônicas), esgotado.

CARTAS SEM DESTINO (no prelo).

PORTUGUÊS SEM MESTRE (em preparação).

In libro

"PADRE MONTE"

NIHIL OBSTAT.

Santos, 23 de setembro de 1944.

P. Valentim Rosman, S. J.

IMPRIMATUR.

Santos, 25-9-944

Mons. Luiz Gonzaga Rizzo, Vig. Geral.

À JUVENTUDE FEMININA

CATÓLICA DE NATAL (J. F. C.),

«com tôda a alma na pena»,

dedica

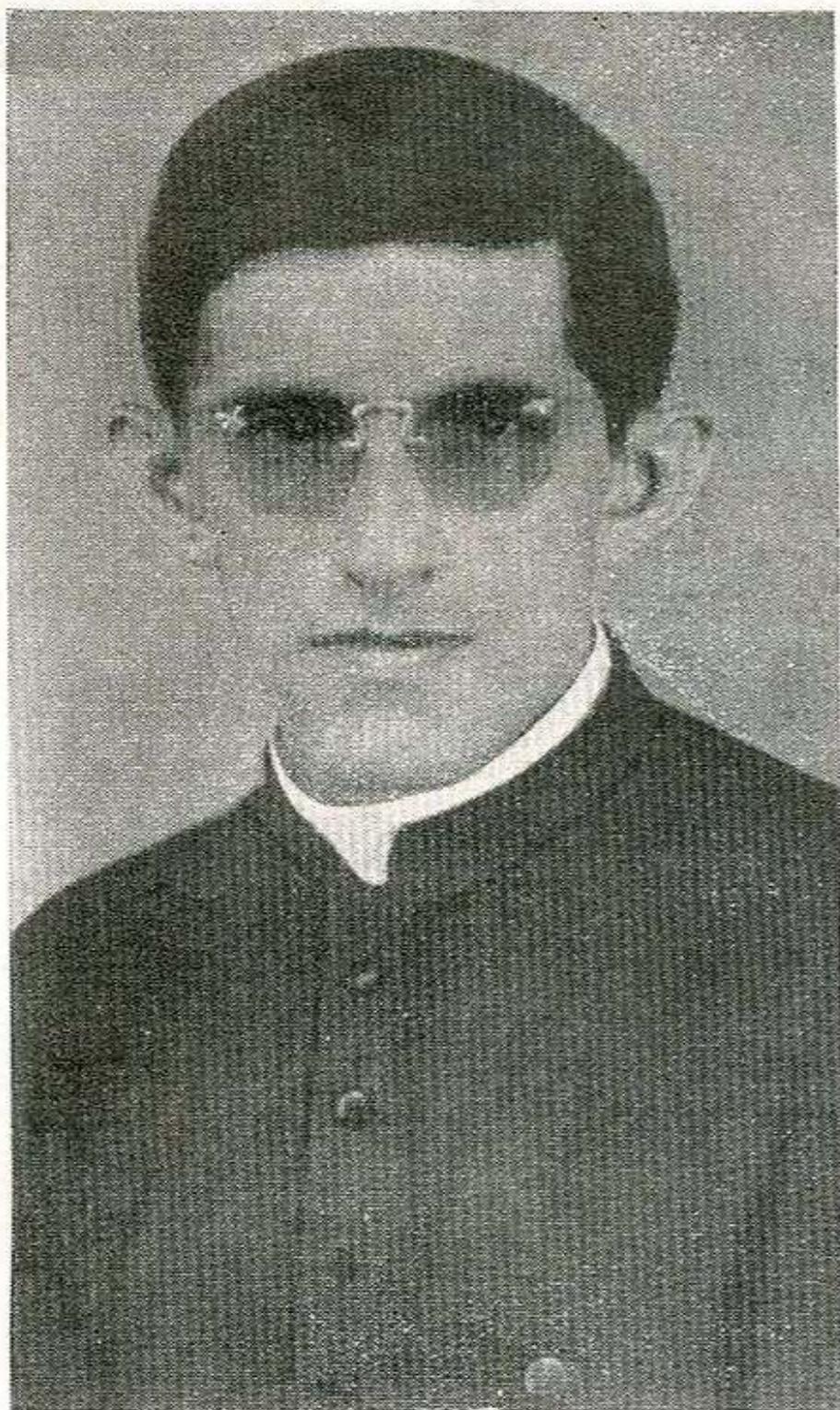
o

AUTOR.

Explicação necessária

Êste livro não é uma biografia, nem tampouco um estudo crítico das obras do escritor que lhe emprestou o nome. Profundamente consternado com o prematuro desaparecimento da criatura a quem mais admirava no mundo, o autor escreveu o que se vai ler com os olhos marejados. E aquilo que se escreve sob a pressão da dôr ou da tristeza, bem se vê que não brota do cérebro e sim do coração.

— Êste trabalho nada mais é do que uma mensagem de saudade dirigida ao coração dos amigos e admiradores do ilustre morto.

O AUTOR.

Amici tui, ante oculos serva imaginem ut eam gestes in corde, conserva o retrato do teu amigo diante dos olhos, afim-de que o tenhas sempre no coração.

Aloisius MONTE.

PRENÚNCIO

I

> "Quando esteve pela última vez no seu quarto, rasgou uma quantidade enorme de papéis".
>
> (Depoimento de uma testemunha).

Quando o hóspede resolve deixar para sempre um apartamento em que por muito tempo se alojara, com certa antecedência procura encaixotar tôdas as cousas que não são de uso quotidiano. O que não póde conduzir, dá ou destrói.

Assim se justifica aquela destruição de folhas manuscritas, levada a efeito pelo próprio autor, numa manhã de janeiro de 1944.

E se é verdade que "as paredes falam", quanta cousa interessante não nos poderiam dizer aquelas quatro paredes que testemunharam essa cena a um tempo tocante e sublime!

Trancado por dentro, para que ninguem pressentisse o que ia fazer, é fácil imaginar o constrangimento com que começou êle a vasculhar o seu arquivo. — Sábio e jovem, sentindo como o poeta " o borbulhar do gênio" e, ao mesmo tempo, "um mal terrível a devorar-lhe a vida", êstes dois pensamentos an-

tagônicos é certo que o assaltaram logo que deu início à devassa das suas gavetas.

Antes de pôr mãos à obra, abre uma janela que dá para a rua e detem-se por instantes a contemplar o céu sem nuvens e "os morros calvos, os castelos de neve, os grandes cimos alvos" que, quando aluno, tantas vezes escalara, em dias de sueto, afim-de admirar lá de cima a imensidade de Deus na imensidade do mar! Senão quando, duas lágrimas quentes lhe resvalam pelas faces! — É a sua paixão que começa!

— "**Pater mi, si possibili est, transeat a me calix iste,** Senhor, se for possível, passe de mim este cálice", diz mentalmente.

Reanima-se um pouco; e, temendo outra crise maior, dá pressa em executar o seu plano.

Abre a primeira gaveta. Aqui se lhe depara, entre outros papéis de somenos, a magistral conferência em que provara pela matemática a existência de Deus e a imortalidade da alma. Beija-a com ternura, reafirmando assim a sua convicção inabalável nos dogmas que demonstrara com algarismos. Ato contínuo, atira-a ao cesto feita em pedaços. Puxa outra gaveta. Nesta encontra, debaixo de alguns sermões e discursos de responsabilidade, o esquema de outra conferência científica, intitulada — **A cinemática do pensamento,** cuja peroração forçara o auditório, composto quasi só de médicos, a bater palmas dentro da igreja. Êste manuscrito não tem melhor sorte que o precedente. Noutro compartimento descobre, numa coluna de jornal, um artigo seu sob a epígrafe

— **A vida não é o nervo**, com o qual reduzira a silêncio certo facultativo que, no interior do Estado, costumava fazer propaganda de ateismo entre as famílias. Também êste escrito será entregue às chamas. Na gaveta central da sua escrevaninha achamse os originais de uma monografia a sair sôbre Psicanálise, em que várias teorias de Freud são brilhantemente refutadas. O seu primeiro pensamento ao tocar nessas folhas preciosas foi incinerá-las, mas, recua vacilante:

— Não! Isto deve ser poupado! Entretanto, pondera, se esta obra vier a ser publicada, a crítica freudeana tentará por certo pulverizá-la. Haverá quem me faça as vezes na réplica?

A dúvida persiste, mas êle passa adiante...

Se em meio a essa tarefa de extermínio alguém lhe perguntasse por que destruia assim, tão friamente, o seu tesouro literário, fruto de penosas lucubrações e testemunho inconteste do seu amor a Deus e a Ciência, é provável que dos seus lábios trêmulos escapasse esta resposta:

— É porque vou mudar-me para longe!... para muito longe daqui!...

DISFARCE APARENTE

II

Uma pessôa que o visitou pouco antes de recolher-se ao sanatório, encontrou-o sorridente.

Parece que não há nada de mais nisso em se tratando de um enfêrmo que, nas mesmas condições, ignorasse a gravidade do seu estado; mas com êle o inverso se verificava: conhecendo como qualquer médico o corpo humano, particularmente o seu, vinha acompanhando desde o princípio a marcha da moléstia que aos poucos lhe minara o organismo. Melhor do que ninguém sabia que poucos dias lhe restavam de vida. E entretanto sorria e ria a bom rir! — Delírio ou fingimento? Nem uma cousa, nem outra. O riso, em circunstâncias tais, é peor que o pranto, porque é dissimulação de grande dôr. Rir assim é rir para não chorar, ou chorar rindo. Divinamente o Pe. Vieira: "Há chorar com lágrimas, chorar sem lágrimas e chorar com riso: chorar com lágrimas é sinal de dôr moderada; chorar sem lágrimas é sinal de maior dôr; e chorar com riso é sinal de dôr suma e excessiva" **(Serm., t. XV)**.

No último caso estava êle quando sorria.

Segundo outra testemunha ocular, do seu leito de dôr êle sorria sempre para os seus íntimos,

ao passo que não raro chorava quando recebia visita de pessôas simplesmente conhecidas. Aí está uma prova do que se disse acima. É ainda o Crisóstomo português quem afirma que "a dôr moderada solta as lágrimas, a grande dôr as enxuga, as congela, as seca. A mesma causa, continua êle, quando é moderada e quando é excessiva, produz efeitos contrários: a luz moderada faz ver, a excessiva faz cegar; a dôr que não é excessiva rompe em vozes, a excessiva emudece" (Obr. cit.).

*

Rindo ou chorando, o certo é que êle não queria morrer já, embora a conciência lhe dissesse que dois tronos lhe estavam reservados além da campa: um no céu, junto de Deus, outro na terra, no coração dos seus compatriotas. Verdade seja que, para êle, "morrer" não "é trocar astros por círios, leito macio por sepulcro imundo". Não. Fenômeno biológico inevitável, a morte se lhe afigurava uma cousa muito natural. Não a temia (e por isso se expôs talvez demais a ela). Se desejava prolongar a vida, era tão só para servir mais a Deus e a Pátria.

ÚLTIMO PASSEIO

III

Fim de janeiro. Nesse dia celebrou missa cedinho, apesar-de estar de férias, que, para êle, não terão mais fim.

Manhã de sol, céu azul, temperatura agradabilíssima. Após o café, resolveu percorrer a pé e de bonde os pontos mais pinturescos da capital-jardim. Não se tratava própriamente de um passeio, senão de uma despedida da linda cidade que o recebeu criança, educou-o, deu-lhe estado, e agora lhe está preparando, entre moitas de rosais, um leito em flor encimado por uma cruz...

Começou pelo **Tirol.** Bairro novo, todo coberto de grama e árvores frutíferas, Tirol há cêrca-de 20 anos era ainda quasi deshabitado. Aluno naquele tempo do colégio S. Antônio, era êsse recanto da cidade o seu ponto preferido para brincar durante as férias. — "Alí, por tardes quentes, quantos sabiás pegou nos ramos florescentes da ingazeira remota! Alí, quantas risadas ouviram-lhe soltar nas touceiras fechadas do bananal crescido!..."

Ao penetrar na chácara do Seminário (debaixo de cujas árvores frondosas D. José Pereira Alves, quando Bispo de Natal, preparava passeando os seus

monumentais discursos e conferências), teve a impressão de que ia entrando num verdadeiro horto! E temeu: **coepit pavere.** Receando uma crise fatal, causada pela saudade "daquela quadra ditosa que o destino levou no turbilhão dos anos", recuou, encerrando assim, mal começara, a sua visita ao Tirol.

Atravessa a rua Apodí, toma um bonde e desce à **Ribeira.** No "cais da Europa", contempla demoradamente, com lágrimas nos olhos, "o rio salgado, onde as velas branquejam, e onde do Jundiaí as águas se despejam... O mesmo rio em que na infância se banhava ao clarão do arrebol que às vezes o encantava..."

É preciso demorar pouco, para não sofrer muito. Na avenida mais próxima toma um expresso que, em 10 minutos, o transporta ao **Alecrim.** Outro bairro igualmente novo, porém mais povoado que o Tirol, Alecrim foi particularmente engalanado pela Natureza para receber em seu seio todos os natalenses que forem passando à outra face da vida.

À porta do campo santo êle desceu, mas não entrou. É possível que o mesmo receio que o afastara bruscamente do Tirol o tenha impedido de entrar aqui.

Do portão dá a sua bênção sacerdotal aos túmulos, fazendo ao mesmo tempo esta reflexão:

— Meus amigos acompanhar-me-ão até aqui. E quem irá comigo até ao tribunal de Deus?!...

Volta-se rápido, toma um bonde que passa e sobe a **Petrópolis.** Alí, da Av. Atlântica, sem deixar o elé-

trico, descortina um panorama deslumbrante! À esquerda, a **Limpa**, "com as suas praias abrigadas ao tôldo dos coqueiros, enfeitadas de algas e sargaços, arejadas pelo vento salino." No centro, o forte dos Reis Magos, "templo a cujo abrigo, sublimes de bravura, se bateram nos tempos de antanho os heróicos individualizadores de nossa raça". E à direita, "o oceano terrível, mar imenso, de vagas procelosas que se enrolam floridas, rebentando em branca espuma num polo e noutro polo!"

Ante tão sublime quadro a que os raios solares, não de todo interceptados pelas nuvens, emprestam poéticas cambiantes, êle se abstrai. Assim é que, mergulhando pela imaginação na caudal de um quarto de século, vai brincar, ainda menino, naquela mesma praia, com os seus companheiros de colégio!

Quando tornou a si, o bonde acabava de chegar ao ponto de partida.

Estava terminado o seu passeio, quero dizer — a sua despedida.

Daqui a um mês esta mesma cidade de que êle tão comovidamente acaba de despedir-se e "a quem dera tudo o que lhe estava ao alcânce: a desambição, a pureza, a sinceridade, os excessos de atividade incansável com que desde os bancos escolares a serviu", Natal, confrangida, acompanha-lo-á até à última morada, derramando tantas lágrimas quantas derramou precisamente no ano em que êle nasceu, que foi o mesmo em que baixou à sepultura outro anjo de bondade que em vida se chamou Pe. João Maria.

ÚLTIMA MISSA

IV

Quando o Anjo do Senhor penetrou no cárcere para libertar a S. Pedro, encontrou o Apóstolo dormindo (At., XII).

Essa indiferença diante da morte próxima é comum a todos os santos.

E êle não abriu exceção nesta regra. Assim, na véspera de submeter-se ao exame radiológico, cujo resultado previra seria desenganador, dormiu, não obstante, a noite tôda. Contudo, expertou mais cêdo que de costume afim-de preparar-se melhor para celebrar o santo sacrifício.

— Senhor, disse na sua preparação, dai-me hoje aquele mesmo fervor que me destes no dia em que pela vez primeira subi ao vosso altar.

— **Domine, exaudi orationem meam,** ouvi, Senhor, a minha oração.

Entretanto, uma circunstância imprevista lhe vem alterar a serenidade: é uma recordação instintiva de todo o seu passado. — A sua infância, a sua vocação, os seus triunfos dentro e fora do Seminário, tôdas as suas mágoas e alegrias se lhe retratam na fantasia como numa tela de cinema.

É a reação da vida em face da morte.

— **Domine, ad adjuvandum me festina,** dai pressa, Senhor, em socorrer-me! clama desfalecendo.

No Gethsêmane mandou o Eterno um anjo socorrer a Jesus, aqui é o próprio Jesus que vem em auxílio do seu servo: **Surgite, eamus,** vamos! (Mat., XXVI).

Reconfortado pela assistência divina, celebra sem novidade.

Durante a ação de graças, foram doces os seus colóquios com o Salvador. Doces e comoventes. Dir-se-ia que Jesus lhe fizera as mesmas perguntas que fez a Pedro, obtendo também aqui idênticas respostas:

— **Amas me,** tu me amas?

— **Domine, tu scis quia amo te,** tu bem sabes, Senhor, que eu te amo.

O Senhor crê nas suas palavras, mas exige outra prova jurada de amor:

— **Diligis me plus his,** tu me queres mais do que os outros?

— **Domine, tu omnia nosti: tu scis quia amo te,** tu, Senhor, que conheces tôdas as cousas, melhor do que eu sabes que te amo acima de tudo. Exiges, não obstante, uma prova concreta do meu amor? Pois aqui a tens: Durante tôda a vida sempre procurei conformar a minha vontade com a tua. E para o conseguir (não era preciso que to declarasse) tive de re-

nunciar-me a mim mesmo, tomar a minha cruz e seguir-te até onde agora me encontro... Estarei mentindo, Senhor?!

Jesus não lhe respondeu, mas dera a entender qual seria a sua resposta...

E aqui teve êle certeza absoluta de que para aqueles que amam a Deus a morte não é um castigo: é um prêmio...

A SENTENÇA

V

Segundo o Evangelho, depois que o Cristo recebeu no horto a visita do anjo, a nada mais temeu: nem o beijo de Judas, nem os tribunais, nem a cruz. Prevendo embora todos os horrores da Paixão, enfrentou-os desassombradamente, com ânimo calmo.

Fortalecido pela graça, que lhe fôra prodigalizada durante os seus últimos colóquios com o Filho de Deus, também êle sente-se encorajado para subir sem desfalecimentos ao seu calvário. Como a de Jesus, compreende a sua paixão três partes: o horto, o tribunal e a morte. O horto, que teve início no dia em que destruiu os seus papéis de estimação, com a celebração da última missa terminou. Resta-lhe agora o tribunal da Ciência, que é o consultório médico, e o ponto terminal da sua vida, que é o sanatório. Em outros têrmos: de casa a uma sala de raio X e desta ao leito mortuário. Nada mais. Alí ouvirá a sentença da condenação, aqui pronunciará êle próprio o **consummatum est.**

No entanto, com saber de antemão o triste fim que lhe reservara o Destino, faz sózinho, a pé, com passo firme, essa dupla caminhada ao encontro da morte!

Submetido ao exame radiológico, confirmou-se a sua previsão. — O seu estado é gravíssimo, quasi desesperador! Alarmou-se o médico, alarmaram-se os seus parentes e amigos, tôda a cidade ficou alarmada. Só uma pessôa não se alarmou: êle. E por que? Porque há muito pressentira o que sómente agora a Ciência acaba de revelar.

O clínico não lhe esconde a gravidade do caso, mas pondera-lhe que existe ainda uma esperança: isolar a moléstia. Pergunta-lhe se está de acôrdo.

— Sim, Doutor, concordou, esboçando um sorriso de descrença.

O especialista tentou o recurso proposto, mas em vão. A tentativa foi feita no princípio de fevereiro e no último do mesmo mês se confirmava o presságio do enfêrmo, típicamente manifestado por um sorriso...

VACILAÇÕES

VI

Envidar tudo por não fazer sofrer a um ente querido, eis um dos cânones essenciais do Amor. Bem sabemos que o sofrimento é o tributo de quem ama, porque, amando, nos tornamos participantes não só das alegrias mas também das mágoas do objeto amado. Cumpre, porém, não confundir sofrer com fazer sofrer. Que sofra a criatura amada por ter sabido indiretamente que nós estamos sofrendo, é natural, mas que venha a sofrer por lhe havermos posto ao par das nossas dôres e amarguras, isto nos proibe terminantemente o Amor.

Já se vê que ao objeto do nosso amor nada podemos dizer que possa contrariá-lo ou entristecê-lo.

Foi êsse o motivo por que êle morreu sem despedir-se de sua mãe. Adorando-a e sendo igualmente por ela adorado, quando teve certeza de que o seu estado era desesperador, procurou iludí-la até à última hora.

— Dizer-lhe tudo agora, pensava êle, é golpear-lhe duas vezes o coração: é matá-la antes que me veja morrer!

E quando ela lhe perguntava afagando-o se es-

tava melhor, fazia sempre uma restrição mental para não mentir:

— Sim, mamãe, estou melhor! muito melhor!...

Às vezes desejava segredar-lhe as últimas vontades. Quem melhor do que ela para depositário das suas determinações finais? Não foi sempre a sua primeira confidente? Por que privá-la agora da última confidência, quiçá a mais importante?

Essas perguntas lhe ocorriam frequentemente. Mas, vacilava: as outras confidências que lhe fizera sempre lhe causaram a ela prazer ou contentamento, esta, ao revés, fa-la-ia sofrer muito.

E assim, perplexo, foi protelando, protelando, até que, premido pela angústia de tempo, viu-se obrigado a confiar a outrem o que a ela não lho permitiu o Amor.

ÚLTIMA CONFISSÃO

VII

Dizem os teólogos que o sacramento da Penitência sempre faz bem às almas, porque, quando não encontre nelas pecados para apagar, aumenta-lhes o estado de graça. É êste o motivo que leva os santos a se confessarem frequentemente. Não têm faltas a acusar, mas desejam crescer cada vez mais na virtude, conforme aquilo do Apocalípse: "**Sanctus, sanctificetur** adhuc, aquele que é santo, santifique-se ainda" (Apoc., XXII).

Neste ponto foi êle modêlo dos católicos em geral. Na verdade, posto que vivesse angélicamente, confessava-se amiude; pelo que a qualquer hora podia falar a seu Deus como o Salmista: "**Paratum cor meum, Domine**, Senhor, eu estou preparado" (Ps. 46). Assim, com se haver confessado poucos dias antes, na véspera de morrer pediu de novo o confessor. E a sua última confissão, como a última missa, enche-lhe o coração de indizíveis emoções. A sua humildade, que sempre o forçara a descrer dos louvores humanos, aumenta-lhe agora cem por cento os defeitos, obrigando-o desta sorte a considerar-se como S. Paulo o menor dos mortais (1.ª Cor., XV). E é assim que, com a voz trêmula e os olhos inundados, prostra-se

aos pés de um colega para abrir-lhe o coração antes de o apresentar a Deus. (E como há-de ser belo o coração de um sábio cristão!).

— Eu, pecador, me confesso a Deus e a vós, Padre...

— **Ego te absolvo**..., acudiu o confessor, mais comovido que o penitente.

E não era para menos.

— Quando Newton e Bossuet descobriam as suas venerandas cabeças ao proferirem o nome de Deus, diz Chateaubriand, eram talvez mais admiráveis nesse momento, que quando um pesava os mundos de que o outro ensinava a desprezar o pó" (**G. do Cristianismo**).

Realmente, o sábio nunca sobe tanto como quando dobra o joelho ante a majestade escondida do seu Criador, representado às vezes por um simples sacerdote.

Foi isso que comoveu aquele padre ao ver curvado a seus pés, confessando-se para morrer, um homem dêsses que as nações gastam três ou quatro séculos para produzir um.

O VIÁTICO

VIII

O Viático só se costuma dar aos moribundos. Não era, porém, êsse o estado dele aos olhos do sacerdote que, na véspera de sua morte, lhe viera trazer a comunhão. Pelo que, ao administrar-lhe o sacramento, omitiu na fórmula o vocábulo **Viaticum.**

Côncio, todavia, de que era aquela a sua derradeira comunhão, êle mentalmente repetiu:

— **Accípio Viáticum...**, recebo o Viático...

Depois que comungou, lembrou-se, por acaso, do dia memorável de sua primeira comunhão, cujo fervor lhe aprouve comparar com o da última. E ficou por instante absorto a pensar nesses dois polos da vida cristã: o dia da primeira visita de Jesus hóstia ao nosso coração e o do Viático.

— Afinal de contas, que é a vida? perguntou a si mesmo. Uma caminhada mais ou menos longa, por entre cardos e espinhos, do berço ao túmulo.

E concluiu:

— Mar tempestuoso a vida! Contudo, eu o atravessei mais depressa do que esperava, pois que aos 39 anos de idade já me encontro nas praias eternas!...

O dia estava limpo e fazia sol. Do seu leito, por uma janela que dava para fora, podia ver perfeitamente "o azul do céu de porcelana, que cobre a mágoa, a dôr da natureza humana, os brancos areais dourados pelos astros, de onde a vista alcança os solitários mastros de pano aberto ao vento..." Soerguendo-se um pouco na cama, derramou o olhar pela amplidão sem fim, em que o azul do céu se confundia com o azul do mar, e pensou:

— "Meus olhos nunca mais fitarão os navios,
As choupanas da vila, os coqueiros sombrios,
Na hora em que abre o lírio as pétalas singelas
E aparecem na Altura as primeiras estrelas..."

E, em meio a essas divagações tão alheias em si à imaginação de um homem genial, por três vezes lhe aflorou aos lábios esta palavra terrível, que apavora o incrédulo e faz tremer ao próprio santo:

— Eternidade! Eternidade! Eternidade!...

A CRISE FATAL

IX

Ao pressentir Jesus a aproximação da coorte chefiada pelo discípulo traidor, disse aos seus companheiros: "... **chegou a hora**" (Mat., XXVI).

Também êle pressentiu a **sua hora.**

Tanto que sentiu a crise que o vitimou, disse ao irmão padre, que o assistia:

— A COUSA AGORA É SÉRIA !

E procurou o pulso, que já tinha fugido.

Essa frase nos lábios do augusto moribundo dá margem a significativos comentários.

Em que consistiria, a seu ver, a seriedade dessa hora? Porventura na dôr da morte? Não, porque a dele não foi violenta. Não sofreu convulsões, nem espasmos, nem ataques repetidos. Morreu plácidamente, como morrem os santos.

Em algum apêgo demasiado aos bens terrenos? Tampouco. O que o mundo tem para dar é algum prazer sensível, de ordinário mesclado de maiores dissabores. E êle (que desde a juventude assentara consigo mesmo em "viver sem prazer afim-de poder morrer sem pesar"), quando, há cêrca-de um ano, teve conhecimento da moléstia que o acometera, adotou

um novo sistema de vida que o alheava inteiramente deste mundo.

Que sentido tinha, pois, para êle aquela sentença, a última aliás que pronunciou?

Creio não ser temerário arriscando a seguinte interpretação:

A hora da morte é séria, porque marca o fim da vida temporal e o comêço da eterna. "Doutor na fé e na verdade", bem sabia êle que "a quem muito foi dado, muito será pedido" (Luc, XII). Tinha conciência, é certo, de que lograra duplicar os cinco talentos que o Senhor da vinha lhe havia confiado (Mat., XXV). Mas, nada obstante, temia (e temia com razão) comparecer diante de um tribunal cujo Juiz seria capaz de condenar ao próprio pai se êste errasse...

A VELA

X

A vela que se costuma colocar na mão dos agonizantes simboliza a Fé, que é comparável com uma chama. Não se trata de uma cerimônia prescrita pela Igreja. O **Ritual** sómente manda acender uma vela enquanto o sacerdote procede à encomendação da alma. Todavia, é uso antiquíssimo e universal êste de se alumiar com um círio bento aos moribundos.

E êle não quís isentar-se desse piedoso costume. Assim é que, ao verificar que o pulso tinha fugido, pediu a vela.

Ato comuníssimo êsse, no caso em aprêço assume significado diferente. E por que? O exemplo seguinte responderá ao porque.

A genuflexão ao Santíssimo Sacramento bem sabemos que, com ser um ato de fé, é uma cerimônia banal, que a ninguém impressiona nem comove; entretanto, quando Marconi dobrou o joelho diante do tabernáculo, ao visitar, na Universidade do Cairo, a capela dos Jesuitas, 200 estudantes pagãos que o acompanhavam pediram imediatamente o batismo!

Já se percebe quão profundo é aquí o sentido dêsses dois atos litúrgicos: a genuflexão feita à Hóstia por um sábio que passa e uma vela benta pedida por outro sábio que agoniza...

ÚLTIMO OLHAR

XI

Conquanto tenha pedido a vela, não foi para a chama simbólica o seu último olhar.

— Ao lado havia uma janela aberta, declarou uma testemunha; virou a cabeça para ela e morreu olhando para o céu.

Quando o navegante, depois de longa e arriscada travessia, avista por fim o pôrto a que se destina, dele não desvia mais os olhos até que pise em terra firme.

Assim se explica aquela posição que êle procurou tomar pouco antes de exalar o último suspiro. É preciso não perder nenhum dêsses pormenores, porque, chegando à extrema hora com tôda lucidez de espírito, os seus movimentos finais não foram automáticos nem provocados por delírio, senão pela própria conciência iluminada pela graça. O pulso, que buscou, a vela, que pediu e, sobretudo a posição que tomou afimde poder fitar, morrendo, o firmamento azul, todos êsses atos tiveram, não há negar, a sua razão de ser. O desaparecimento do pulso (termômetro da vida), deu-lhe certeza da morte imediata; a vela, símbolo de uma chama, figurava o farol que lhe guiou o batel da vida ao pôrto da salvação; o céu diante do qual os

seus olhos se apagaram, era a imagem viva da cidade apocalíptica a que êle acabava de chegar aureolado pela ciência e pela virtude.

Superior a todos em quasi tudo que fazia, até na hora derradeira se distinguiu. A sua morte, na verdade, pelas circunstâncias de que se revestiu, foi belíssima. Destarte, o seu leito mortuário, com ser simples, semelhava um altar adornado para grandes festas!

Mais uma vez se cumpriu nele o princípio cristão — **Talis vita, finis ita,** tal vida, tal morte.

Como aluno nunca tirou uma nota simples. Sempre lhe deram os mestres, por justiça, distinção com louvor, assim nas lições como nos exames finais. Sòmente uma vez, em latim, em vez de **nota ótima**, foi surpreendido com uma **muito bôa.** Mas disso, perseguido pelo remorso, se penitenciou mais tarde o professor pedindo-lhe perdão.

Distinto nos estudos, não o era menos na vida particular. Não há exagêro nenhum em afirmar-se que, primeiro aluno do Seminário, foi também o primeiro padre da diocese. O seu valor era duplo, porque a uma virtude angélica aliava uma cultura polimorfa.

Pelo coração rivalizou com o Pe. João Maria, pelo saber rivalizaria com qualquer sábio contemporâneo.

Por isso morreu como S. Estevão — contemplando o céu... (At., VII).

MORTO VIVO

XII

Às 10 horas e 45 minutos do dia 28 de fevereiro de 1944, o seu coração cessou de pulsar. — Estava morto! Não disse bem. Morte quer dizer destruição, aniquilamento, redução de um ser contingente a cinzas ou a nada. E neste caso não estava êle. Os homens do seu quilate "não morrem: vivem na memória da sua terra, palpitam na saudade dos seus compatriotas; o túmulo é o berço da sua glorificação".

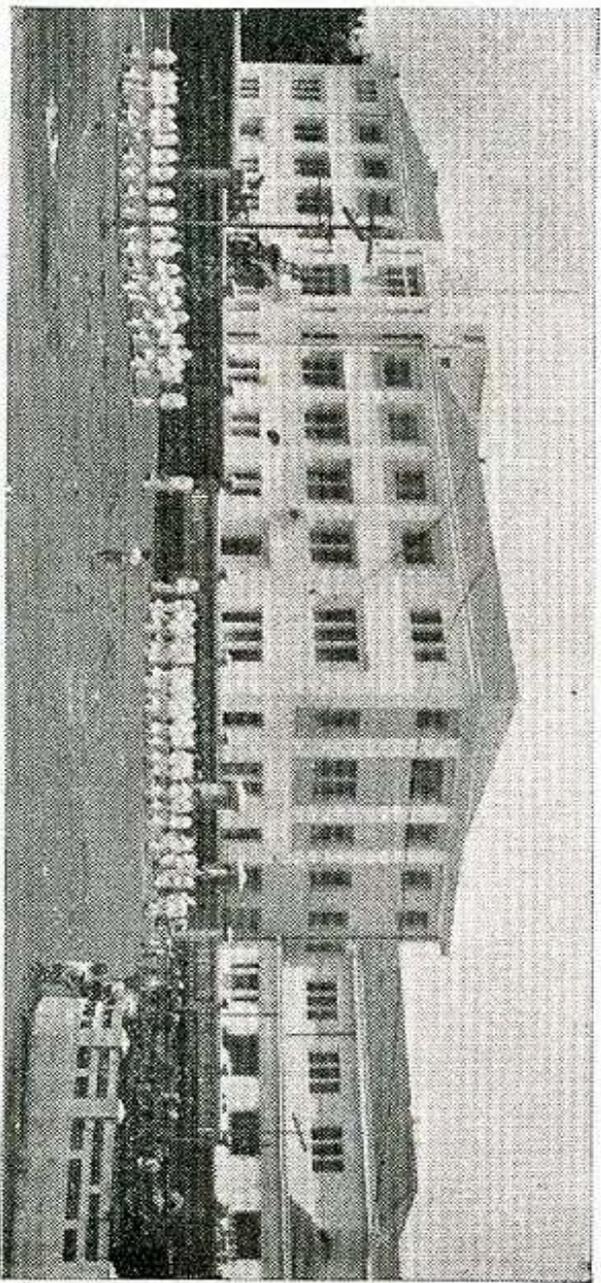
Se é verdade que os pais revivem nos filhos, por que não admitir-se igualmente que os homens de gênio se perpetuam nas suas obras?

Comparada pelo Autor da vida com o sono (Jo., 11), do qual só no fim do mundo se despertará, a morte, precindindo-se mesmo do ponto de vista espiritual, não mata os grandes homens, porque são imortais. Êles tombam, mas não morrem. Se morressem, os seus pósteros não falariam deles; as datas memoráveis de sua vida seriam de todo esquecidas, esquecido seria o seu próprio nome com o passar dos anos. O contrário, porém, se verifica: à medida que se escoam os séculos e se sucedem as gerações, mais se reaviva a sua memória, maior se torna a admiração que lhe votam os povos.

Quando Cristo, Senhor nosso, disse aos Apóstolos que ia deixar êste mundo, acrescentou que os não deixaria órfãos (Jo., XIV).

Incompreensível! Como poderá desaparecer o pai sem ficarem órfãos os filhos? Incompreensível, sim, mas não contrário à ciência e à razão. O Salvador cumpriu realmente o que prometera, sacramentandose. Na verdade, pelo milagre da Eucaristia, encontrase Êle agora em dois lugares ao mesmo tempo: no céu e na terra. E tanto lá como aqui, verdadeiro Deus e homem.

Cousa parecida com o mistério eucarístico sucede com os homens célebres quando passam à outra vida: vão e ficam, ou, se quiserem, ausentam-se da comunhão dos vivos, ficando, não obstante, no meio deles.

Ora, sendo êle uma dessas criaturas a quem a Natureza é tão avara em suscitar quanto pródiga em favorecer, não se lhe fará nenhum favor chamando-o morto vivo.

Fachada do ginásio dos Irmãos Maristas, de que fôra êle capelão por algum tempo. Vê-se no terraço uma linda parada da Cruzada Eucarística masculina a que êle, do portão do majestoso edifício, passa revista.

O GRANDE DIA

XIII

Aprouve à Providência conceder-lhe o repouso eterno no dia 28 de fevereiro. Completa essa data uma série de coincidências interessantes que poderão impressionar os supersticiosos: quasi tudo que lhe diz respeito foi curto: curta a vida; curto o seu apostolado; curta a enfermidade que o vitimou; o mais curto do ano o mês em que morreu. Não é tudo. Os seus artigos eram curtos; curtos os seus discursos e conferências. Era sóbrio no comer, no beber, no falar, no dormir... Só em dois pontos operava sem medida: no amor a Deus e ao próximo. Dir-se-ia que a Natureza, no formá-lo, foi mesquinha na vida sensitiva, excedendo-se, porém, na intelectiva, pois que, reduzindo-lhe as qualidades materiais, dotou-o, em recompensa, com uma inteligência de anjo e um coração de santo. Muito melhor assim.

Não será pois de estranhar se dentro de **curto espaço de tempo** os que lhe sobrevivemos começarmos a alcançar, por sua intercessão, graças e favores celestes. Assim seja.

*

Segundo a Igreja, o verdadeiro aniversário natalício dos cristãos não é o dia do nascimento e sim o da morte, porque é neste dia que êles alcançam o fim para o qual foram criados, que é Deus. É por essa razão que ela só festeja os seus santos, em geral, no dia do óbito.

Sendo assim, não fica mal chamar-se **grande** ao dia em que êle faleceu, apesar-da cruciante angústia que o seu passamento nos causou. Porque a respeito da sua salvação não alimentamos nem podemos alimentar nenhuma dúvida. E donde nos vem tamanha certeza? De um fato concreto, que póde constituir a síntese de tôda a sua vida sacerdotal: sabemos que êle se consumiu tão depressa por excesso de trabalho apostólico, imposto não pelos superiores, mas pelo seu próprio zêlo. Não é, pois, demasiado afirmar que, sem derramar o seu sangue, como os mártires, sacrificou-se também pelo Cristo. Mais. O tempo que passou apostolando possívelmente terá sido triplicado no céu, porque de três maneiras praticava o bem: pela palavra, pela pena e pelo exemplo. Era, como se vê, do número daqueles que, vivendo pouco, produzem muito (Sab., IV).

De S. Catarina de Sena dizia o Papa Pio II: "É impossível visitar-se Catarina e não se voltar melhor".

Mais ou menos a mesma cousa dele se poderia dizer. Lendo-o ou ouvindo-o, os católicos se afervoravam e os inimigos da Igreja o temiam. O povo simples via nele apenas o santo, os intelectuais, o santo

e o sábio. Assim, uns e outros, em estando êle presente, se portavam como diante de um semideus.

Morrendo, não deixou, contudo, de fazer bem às almas. É verdade que as multidões não terão mais o prazer de ouvir a sua voz aveludada a ensinar e a convencer, nem tampouco lhes será dado admirar as cintilações de sua pena nas colunas dos jornais; mas não há dúvida que o seu exemplo e os seus escritos continuarão a produzir frutos de vida eterna. Além disso, é de se esperar que êle, a exemplo de Terezinha (a quem perfeitamente imitou na candura e na simplicidade), "passe o seu céu a fazer bem sôbre a terra". Amen.

ALARME

XIV

Exalado o último suspiro, alguém lhe cruzou as mãos sôbre o peito e se dirigiu chorando ao telefone. Instantes após, todos os sinos da capital dobravam a finados, traduzindo assim o profundo pesar da Igreja e da Pátria que êle tanto estremecera.

O seu óbito ocorreu sem se esperar. Sabia-se que êle estava passando mal, mas ninguém suspeitava viesse a sucumbir tão depressa. Por êsse motivo a sua morte produziu na cidade o efeito de um terremoto. Tôda Natal se abalou, desde o palácio do govêrno até os suburbios mais afastados. E começou na mesma hora a romaria à câmara ardente. Católicos e indiferentes, grandes e pequenos, velhos, moços e crianças desfilam consternados diante do seu cadáver! E muitos daqueles que o cultuavam em vida apenas por simpatia intelectual, agora dele se aproximam como seus devotos. Alí comparecem não só para chorá-lo, mas principalmente para impetrarem por seu intermédio alguma graça. Desta sorte, os soluços se confundem com as preces, como a admiração com a devoção.

Revestido, no seu leito de morte, dos paramentos sacerdotais, como se fosse celebrar missa, dele

bem se poderia dizer o que de José Bonifácio, o Moço, disse alguém: — "Morto, parece vivo!" E com efeito, a morte, que tudo transforma, respeitou-lhe os traços fisionômicos, que continuaram inalteráveis.

Assim morrem aqueles que souberam viver. A alma lhes sai do corpo suavemente, como a borboleta do casulo, a ave do ninho, o fruto do galho.

Escrevendo certa vez sôbre o culto das imagens, fez êle esta observação:

— "Ensinar pela imagem é o método mais sintético que se conhece em pedagogia. Diante de uma estátua de Jesus crucificado, o ignorante abraça, num relance, o que Jesus sofreu para remir o mundo. Uma imagem do Bom Pastor, fá-lo considerar o quanto Jesus é delicado e meigo. Uma escultura do Coração de Jesus, inculca-lhe o grande amor de que está abrasado o divino Mestre para com as almas".

Não se póde dizer melhor em tão poucas palavras sôbre o assunto.

Essa verdade está refletindo também agora na imagem de quem a escreveu. Efetivamente, êsse corpo que a morte acaba de imobilizar, pela serenidade do seu semblante como pela magreza dos seus membros (escarnados menos pela moléstia que pelo sacrifício e mortificação), nos está ensinando, com eloquência e emoção, como se ama e serve a Deus.

ÚLTIMO BEIJO

XV

Quando o médico confessou, em face do último exame radiológico, a impotência da Medicina para salvá-lo, a mãe entrou a sofrer mais do que o filho. Retraira-se do hospital para não presenciar o desmoronamento dessa vida, pela salvação da qual mais de uma vez, em oração, oferecera a sua a Deus.

As mães, em geral, não têm coragem de assistir à morte dos filhos. É natural. Sendo verdade que o Amor sofre tudo por não fazer sofrer ao objeto amado, é lógico concluir procurem os que se amam evitar a todo custo a maior desgraça que possa suceder a ambos, que é a cena de um eterno adeus.

Ela, todavia, lá teria estado, em pessôa, se não tivesse sido inopinado o triste desfêcho.

Foi talvez providencial o estar ausente. A sua presença e, sobretudo as suas lágrimas, possívelmente teriam causado maior sofrimento ao moribundo, vendo-a sofrer tanto. Ambos lucraram: o filho, morrendo sem vê-la, ela, não o vendo morrer...

Entretanto, foi ela quem primeiro soube do **consummatum est.** E desde aquela hora, sem dúvida a mais angustiosa de tôda a sua vida, dele não se afastou mais até que lho arrancassem aos braços para

inhumá-lo. No instante da eterna separação, pouco faltou à pobre mãe para render também o espírito. Fita demoradamente o filho morto e, a seguir, prostra-se convulsa junto do caixão, imprimindo na face gélida o derradeiro beijo, quem sabe se no mesmo lugar em que a 3 de janeiro de 1905 o beijara pela primeira vez!

Êsse ato tão comum entre os que mutuam terna afeição, praticado por uma mãe, em tal circunstância, a linguagem humana não o sabe descrever.

— Póde significar o sêlo de um amor que não morre, ou a morte de um coração que ama...

A SEPULTURA

XVI

> "Todos os abismos têm limite — de um só, o túmulo, ninguém mediu ainda a profundidade".
> (Coelho Neto, "Mano").

Feita a encomendação, uma multidão imensa conduz o corpo à última morada. Durante o trajeto ninguém fala. Alguns dentre os homens puxam o lenço e esfregam os olhos, ao passo que a maioria das mulheres soluçam. Afora essa evasão da amizade traduzida em lágrimas, nada mais se ouve além do ruido dos veículos e do tropel dos que caminham a pé. Silêncio como êste só se presenciava nas igrejas, quando êle subia à tribuna sagrada, ou nos recintos onde dava as suas aulas. Tem-se a impressão de que o povo parece querer ouví-lo ainda uma vez antes de sepultá-lo. Vão desejo êsse! Seus olhos estão apagados! não podem contemplar mais as multidões maravilhadas ante a profundeza dos seus conceitos! A sua dextra, que tantas vezes se erguera para absolver pecados ou reforçar com uma mímica os seus argumentos, está agora paralizada! Dos seus lábios já não se ouvirão aquelas torrentes de verdades que a sua imaginação tão bem sabia colorir!

Terminada que foi a sua missão na terra, um decreto divino suspendeu-lhe o dom da palavra. De agora por diante só poderá falar no céu. Aqueles que ainda o quiserem ouvir, que procurem desde logo trilhar o caminho que êle durante 17 anos ensinou com a sua palavra e com o seu exemplo. — "**Imitatores mei estote, sicut et ego Christi,** sêde meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (1.ª Cor., 11).

Eis aí a senda que leva aonde êle agora se encontra.

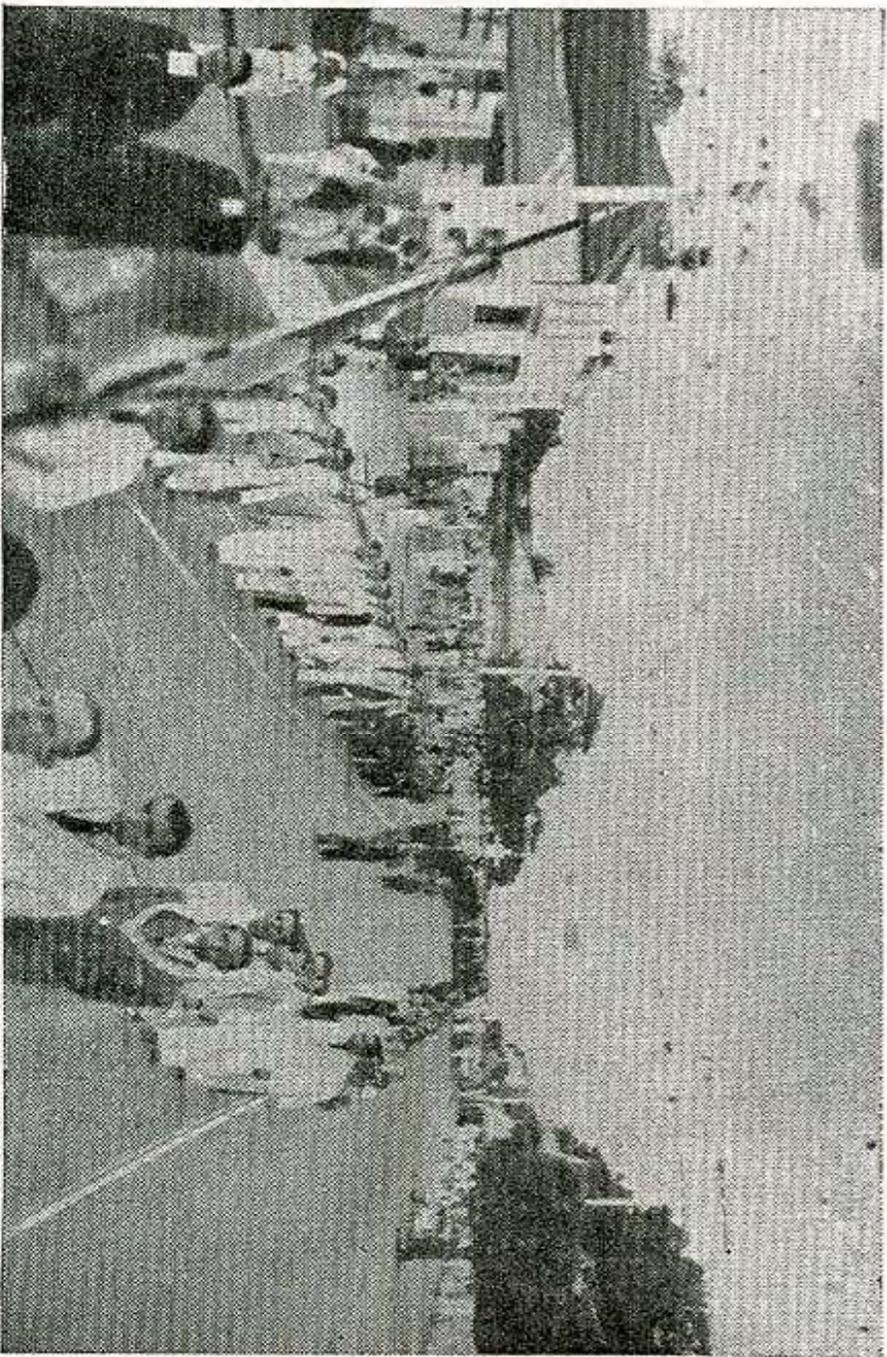
*

Quando o lúgubre cortejo transpôs os umbrais do campo santo, uma onda de horror estampou-se em todos os rostos. É que ninguém podia conformar-se com a dura realidade de inhumar os sagrados despojos. Assim, tanto que o caixão parou à beira do abismo, os comentários, entrecortados de soluços, começaram a cruzar-se, dando à necrópole um aspecto nunca visto.

— Quantos anos gastará êste Estado para nos dar outro vulto de igual tomo? perguntou um intelectual.

— Talvez tantos quantos gastou a Baía para produzir Rui, respondeu outro.

E enquanto a lamúria e o pranto aumentavam, o esquife, no seio da terra, lentamente se escondeu.

Os sacerdotes presentes, levantando a mão, tra-

Um flagrante do entêrro, quando o cortejo fúnebre descia a avenida Rio Branco, rumo da necrópole do Alecrim.

çaram sôbre aquela nesga de terra uma grande cruz, dizendo:

— **Anima ejus per misericórdiam Dei requiescat in pace.**

E o povo respondeu:

— **Amen.**

Estava tudo acabado...

ROMARIA DA SAUDADE

XVII

Desde o dia em que a terra o acolheu em suas entranhas, iniciou-se uma romaria ao seu túmulo, a qual terminará não se sabe quando. Grande parte dos romeiros eram seus consulentes, os demais, se não o consultavam diretamente, pelo menos norteavam pelo seu exemplo a própria vida. Agora, uns e outros alí vão, quasi todos os dias, não mais para vê-lo e ouví-lo, senão para invocá-lo. Dir-se-ia que o seu consultório não fechou, modificou-se apenas. Antes funcionava onde quer que êle se encontrasse (porque para responder a qualquer consulta não havia mister livres), hoje, só funciona em determinado lugar; então falava o mestre e os discípulos escutavam, agora falam êstes e escuta êle. — É a prece. Ontem, falando ou escrevendo, doutrinava às turbas, hoje póde realizar êsse mesmo trabalho por intercessão. Em vida, operava como santo e sábio, morto, opera só como santo.

*

Mas, não foi sómente a necessidade que originou essa grande romaria: a saudade também tem

atraido e continua a atrair milhares de pessôas ao cemitério onde repousam os seus restos.

— Não é certo, como corre mundo, escreveu Rui, ou, pelo menos, muitas e muitíssimas vezes, não é verdade, como se espalha fama, que "longe da visita, longe do coração". Vezes sem conto, continua êle, quando se está fora da vista dos olhos, então (e por isso mesmo) é que mais à vista do coração estamos; não só bem à sua vista, senão bem dentro nele (**Oração aos moços**).

Quer dizer, em resumo, o maior dos nossos pensadores, que êsse prolóquio popular admite inúmeras exceções. Não há dúvida que sim.

Impossível é, por exemplo, esquecer-se no tempo e na eternidade a uma criatura que por nós haja feito sacrifícios sobrehumanos.

É o caso dele. A cidade tôda sabe, sabe todo o Estado, que êle fez pelo povo o que lho não permitia a sua constituição física, e por isso veio a sucumbir em plena mocidade!

— Fazer-se tudo para todos afim-de ganhar a todos para Cristo era o seu lema.

Para cumprí-lo não trepidou em expor a própria vida. Assim, por não querer dizer **não** a ninguém, teve que dizer sempre não a si mesmo. Não se pertencia: era de todos. A sua privilegiada inteligência como o seu grande coração, êle os pôs à disposição do público. — Estudantes, professores, jornalistas, sacerdotes, religiosas, homens de govêrno e

homens do povo, todos sem distinção de credo ou de classe, lhe bateram à porta e foram atendidos.

Trabalhou até morrer, se é que ainda depois de morto não continua trabalhando.

Póde uma criatura destas ser esquecida pelos seus conterrâneos?

Nume tutelar da cidade pela qual tudo sacrificou, inclusive a vida, se a saudade é realmente filha do Amor, a incessante romaria ao túmulo desse Anjo deve chamar-se **romaria da saudade.**

ELA

XVIII

O amor de uma mãe só há uma criatura no mundo capaz de o calcular — é outra mãe. O próprio pai, por mais que estremeça ao filho, longe estará sempre de ombrear com ela no mesmo afeto.

Ordináriamente, o mais que póde fazer o amor humano é gerar uma comunhão de sentimentos entre os que se amam, de tal sorte que um já não possa gozar ou sofrer sem que goze ou sofra o outro igualmente. Ora, o amor materno vai mais além, porque se o filho sofre ou goza, a mãe sempre o excede na dôr ou no prazer. Pelo menos é o que tem mostrado a história e a experiência, através dos séculos, entre povos bárbaros e civilizados, indistintamente.

*

"Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
Espêlho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho".

Se tem razão quem isto escreveu, não será difícil avaliar a desgraça de uma mãe que acaba de perder seu filho. Realmente, se é êste todo o seu bem;

se o espêlho em que se mira afortunada e luz que lhe empresta novo brilho aos olhos, que lhe restará a ela, se lha privarem para todo o sempre dessa tríplice felicidade? Preferira de certo morrer com o filho a continuar a viver sem êle. Deve ser êsse o motivo pelo qual as mães, diante de qualquer perigo, não vacilam em arriscar pelos filhos a própria vida, loucura que por mais ninguém chegam a cometer.

Bem se vê que, para essa classe de pessôas, existe uma desgraça ainda maior que a morte: é a desgraça de ver morrer a um filho.

Agora se compreende porque aquela pobre mãe desde a hora em que lhe arrancaram dos braços ao filho morto nunca mais sorriu. E com a alegria fugiu-lhe também o apetite, o sono e, consequentemente, a saude. As lágrimas, que nos primeiros dias a intensidade da dôr sufucou, reapareceram agora, copiosas como nunca. Chora em companhia de outras pessôas, sempre que lhe falam dele; chora mais ainda quando está só, porque a sua lembrança se lhe reaviva incessantemente. Há sobretudo um lugar em casa onde não consegue dominar o pranto: é o refeitório. Verdade é que êle habitualmente fazia as refeições no Seminário, onde também dormia. Contudo, de vez em quando um motivo qualquer o forçava a comer com a família, pelo que lhe foi reservado um lugar à mesa, que nenhuma outra pessôa ocupava. Raramente passava uma quinzena sem ir almoçar ou jantar com os seus; mesmo porque, quando demorava um pouco mais, ela lhe telefonava (de ordinário próximo

D. Bela Monte

à hora das refeições) dizendo que precisava falar-lhe. Dócil como uma criança à voz materna, êle acudia imediatamente aos seus chamados.

O negócio, entretanto, era apenas matar saudades. A coincidência da visita com o almôço ou o jantar, tinha por fim prendê-lo por mais tempo em casa.

Cêdo êle compreendeu o truque, mais fingiu ignorá-lo.

— Que deseja, mamãe? perguntava ao beijar-lhe a mão.

Ela sorria. Êle também.

E estavam os dois entendidos...

Agora, já vários meses se passaram desde que esteve em casa pela última vez e ainda não voltou!...

Nunca saiu sem se despedir e dizer aonde ia. Desta vez, partiu calado...

— Por que não se despediu?! pergunta ela a chorar.

Pobre mãe! foi muito melhor assim!

Que te diria êle, se chegasse a abraçar-te na hora dessa partida sem retôrno? Dir-te-ia talvez o que só a poesia sabe descrever:

— "Minha mãe! minha mãe! o momento esperado
Da partida chegou! Que golpe amargurado!
Que o teu olhar me dê, talvez, a derradeira
Bênção de luz, aqui, na guarida hospedeira.
Tu, que enxugas debalde o pranto que deslisa,
Gelado como o suor do doente que agoniza.
Adeus!!!"

Que seria de ti, pobre criatura, se tais palavras ouvisses ao crepúsculo da noite eterna de teu filho?

Há certas despedidas que o Amor obriga a omitir. Essa foi uma delas.

A maior prova de amor que êle te deu durante tôda a sua vida, não tenhas dúvida, foi o haver-te poupado (e sabe Deus quanto isso lhe custou) à suprema angústia de um eterno adeus!...

O TESTAMENTO

XIX

A lembrança mais significativa que se póde oferecer a uma criatura amada é sem dúvida nenhuma o próprio retrato.

E se "a saudade é realmente um desejo de estar perto de quem está longe de nós", na fotografia, mais do que em outra cousa qualquer, encontra ela alívio e consolação, porque a imagem de um ente querido sempre nos dá a ilusão da sua presença.

Três meses antes de morrer quis êle fotografar-se. Não só. Esforçou-se em quanto pôde para que saisse melhor na última fotografia do que em tôdas as outras. E o conseguiu. O dom da infância espiritual, que possuia, isto é, a pureza, a simplicidade, a doçura, tôdas as virtudes enfim características das crianças e que nos seus traços fisionômicos se estampavam, a objetiva reproduziu. De modo que, quem o não conheceu, fitando agora o seu último retrato, não precisa ser psicólogo para traçar-lhe num relance o perfil moral — uma criatura simplesmente angélica.

Avêsso a fotografias, por isso mesmo que o era à publicidade, aos seus íntimos causou essa sua atitude não pequena admiração.

Que razões o teriam movido a isso? pergunta-

va-se. E ninguém atinava no alcance do seu ato. Só depois que, em estado desesperador, recolheu-se ao sanatório, é que se veio a saber que todo aquele empenho em fotografar-se com esmêro fundava-se na previsão da morte próxima.

Opinam graves intérpretes da sagrada Escritura que tudo quanto testou Jesus à humanidade foi Maria Santíssima. E o fez em sete palavras apenas: **"Mulier, ecce filius tuus... Ecce mater tua,** mulher, eis teu filho... Filho, eis tua mãe" (Jo., XIX).

— Maior tesouro, (observa um comentador), não nos poderia Êle legar, apesar-de onipotente, porque Maria sôbre ser mãe de Deus, foi ainda nossa corredentora.

Fotografando-se no limiar da eternidade, imitou êle de certo modo ao Salvador. Se não, vejamos. Pobre como o divino Mestre (não porque lhe tivesse faltado meios de ganhar dinheiro, mas por ter voto particular de pobreza), não possuindo cousa alguma de que testar aos seus parentes e amigos, resolveu deixar-se a si mesmo no seu retrato.

Objetarão que nada declarou nesse sentido. Não importa. O esfôrço que fez por que saisse mais fiel nesta do que nas fotografias anteriores, já é uma prova de que outro não fôra o seu intento. Corrobora êste asserto a seguinte dedicatória que gravou em latim, noutro retrato seu, oferecido ao autor deste livro: **"Amici tui ante oculos serva imaginem, ut eam gestes in corde,** conserva a imagem do teu amigo

diante dos olhos, para que a tenhas sempre no coração".

Quanta filosofia nessa sentença! Quanto afeto distilou ao redigí-la a sua pena!

Sede do amor e do ódio, o coração conserva ou repele tudo quanto cai sob o domínio dos olhos, que por isso se chamam **janelas da alma. É**, pois, impossível ver e não sentir, sentir e esquecer.

Em um dos seus livros de meditação escreveu: — **O coração não se vende, dá-se**.

Êsse princípio êle o cumpriu à risca. Na verdade, vivo, nunca se pertenceu: era de todos; morto, continua sendo nosso, porque se nos legou em testamento. — Para ser seu herdeiro basta possuir o seu retrato, como para ser filho de Maria é bastante ser batizado.

O SEU QUARTO

XX

Ao Mons. José Adelino, reitor do Seminário e seu companheiro no magistério.

Não só "as paredes falam", mas todo e qualquer objeto ou cousa que pertenceu a um amigo que o Destino subtraiu aos nossos olhos, dele nos fala com eloquência e emoção. O próprio meio-ambiente em que êle viveu: a casa, as árvores, os animais domésticos de sua estimação, proclamam bem alto o seu nome, a sua fisionomia, os seus hábitos... É verdade que êsses seres falam sem falar, mas quem não sabe que o silêncio muitas vezes diz mais que a palavra escrita ou falada? Quem será capaz de traduzir, em prosa ou em verso, o olhar de um moribundo fitando uma vela acesa, ou os suspiros de uma noiva vendo o noivo amortalhado? Não raro um simples relance de olhos, um apêrto de mão, um sorriso ou uma lágrima dizem muito mais que uma conferência ou um tratado...

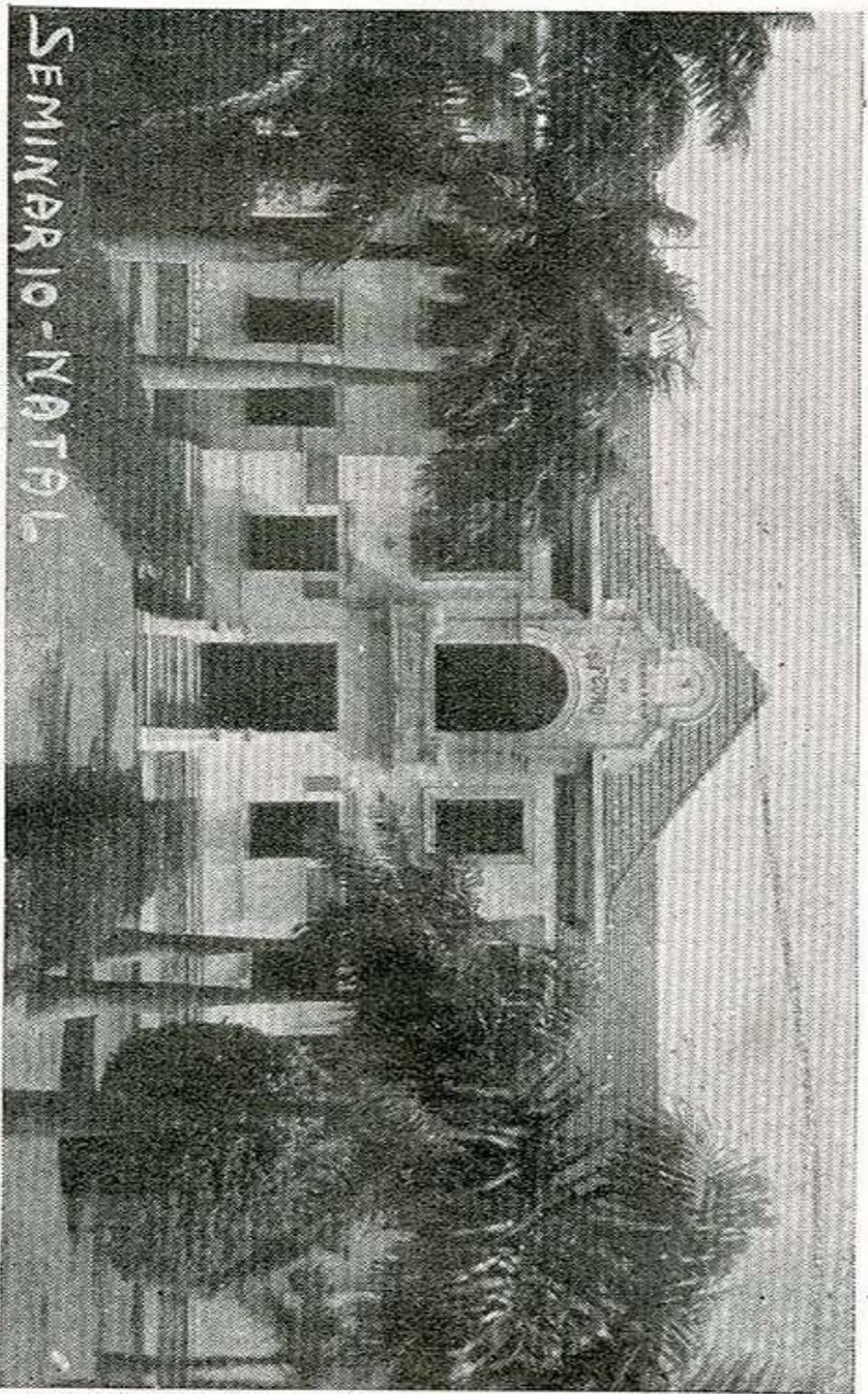
*

Em um dos recantos mais pinturescos de Natal, entre cajueiros ensombrados e palmeiras esguias, ergue-se um prédio majestoso e soberbo, adrede cons-

truido para a formação de levitas do Senhor. No centro desse edifício, à direita de quem entra, no primeiro andar, morava êle. Aí entrou, ainda quasi criança, para lecionar, por ser sábio: "**Os meum loquetur sapientiam**, a minha boca falará sabedoria" (Ps. XLVIII) ; daí saiu, sem se esperar, para morrer, por ser santo:"... **placita erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum**, porque a sua alma era agradável a Deus, Êle se apressou em tirá-lo do meio das iniquidades" (Sab., IV).

O seu apartamento mais parecia uma biblioteca pública que um aposento particular, tal a afluência de consulentes que o procuravam. Era o oráculo dos alunos e dos mestres. Daí a alcunha que merecidamente lhe deram de **Biblioteca Ambulante.**

Hoje, o seu quarto se assemelha a um ninho de águia abandonado! E com efeito, aquele que agora lhe batesse à porta, não ouviria mais o terno acento da sua voz amiga! No entanto, a sua mesa de trabalho, as estantes vasias, as paredes, o prédio inteiro, os cajueiros ensombrados e as palmeiras esguias, todos a uma responderiam incontinenti:

— Não mora mais aqui: mudou-se para o Céu!...

Seminário de São Pedro, vendo-se no 1.º andar, à direita, a janela do seu gabinete de estudo.

A SUA CATEDRA

XXI

Aos seus alunos.

Há duas classes de pessôas insubstituíveis nos cargos que ocupam: as mães e os gênios. A mulher mãe nem por outra do mesmo quilate póde ser substituida, porque a ternura maternal é peculiar a cada uma.

O gênio, em si, encontraria substituto noutro gênio, mas, por constituirem essas criaturas uma verdadeira aberração da natureza, cada qual possue também a sua maneira própria de pensar.

Chamá-lo de genial não ouso por enquanto, porque se é essa a minha convicção, ainda não tenho provas concretas para demonstrá-lo em público. Os gênios se conhecem pelas obras, e a dele, do que se logrou salvar do seu naufrágio, ainda nada foi publicado. Prefiro, pois, que a crítica sensata e imparcial o julgue a seu tempo. Uma cousa, porém, posso afirmar desde logo sem receio de contradita e é que, discípulo que começou por onde os mestres terminaram, a sua cadeira de professor encontra-se no momento no mesmo caso de um filho sem mãe...

*

O seu trânsito ocorreu nas férias, pelo que não teve necessidade de despedir-se dos seus alunos. Foi melhor assim para o mestre e para os discípulos. Destarte, na via sacra das despedidas eternas, essa estação, que lhe teria sido talvez a mais dolorosa, passou felizmente desapercebida. Com efeito, professor que honrava não apenas os que lhe frequentavam as aulas, mas também o próprio educandário em que lecionava, imaginem os leitores o que se passaria entre os escolares se um dia, durante a aula, ouvissem da bôca do mestre esta frase soluçada:

— Meus amiguinhos, adeus para sempre!...

ÊLE NA INTIMIDADE

XXII

Perguntando um dia os Apóstolos a seu Mestre quem seria o maior no reino do céu, "chamou Êle um menino e, pondo-o no meio deles, disse: — "Em verdade vos digo, se vos não converterdes, e vos não fizerdes semelhantes aos meninos, não entrareis no reino do céu. O que, pois, se tornar pequeno como êste menino, êsse será o maior no reino do céu" (Mat., XVIII).

Dessa doutrina se infere que, para o adulto se salvar, deve imitar a criança nas virtudes que a caracterizam. Estas são várias, mas podem ser reduzidas a duas, ou sejam — a **pureza** e a **simplicidade.**

Não é fácil, bem se vê, imitar as crianças, por exemplo, **na ingenuidade** ou na **candura**, mas ser **puro** e **simples,** conforme o próprio estado de vida, está ao alcance de qualquer, assim de um como de outro sexo. E é apenas isso que se exige na terra de quem aspira a ser grande no céu.

Pessôas há dentro do Cristianismo que se aperfeiçoaram tanto nas virtudes próprias das crianças, que chegaram mesmo a atingir à maturidade sem perder certos hábitos infantis.

Foi êle uma dessas criaturas.

Nunca passou de um menino segundo o Evangelho, póde-se dizer. Menino aos 10 anos, menino ainda aos 39, quando morreu. Em verdade, entre o aluno de calças curtas do colégio S. Antônio, de Natal, em 1917, e o professor catedrático do Ateneu Norte-riograndense, em 1943, só duas diferenças, uma física, outra intelectual, era possível estabelecer-se. Primeira, que naquele tempo era pequenino de corpo, agora, um pouco mais crescido (sempre foi baixo e franzino); segunda, que então tinha o apelido de "Menino-prodígio", hoje, o de "Biblioteca Ambulante". No mais foi sempre o mesmo — simples, jovial, puro, sincero. Já homem feito, gostava de brincar como brincam as crianças folgazãs. O autor deste trabalho foi seu contemporâneo de estudos, seu colega no magistério, tendo tido, além disso, a honra de hospedá-lo muitas vezes no seu rancho. Não raro o surpreendia recreando com os meninos, ou a fazer sózinho, brincos de criança.

Nos passeios a pé, corria, fazia correr aos outros, perseguia as borboletas pelas campinas em flor. Nunca estava ocioso. Nas horas de lazer inventava uma infinidade de brinquedos, pelo que, nos recreios, se via quasi sempre cercado de meninos, que dele se aproximavam como de um companheiro de infância.

Durante as férias, ninguém, estando êle presente, podia fazer a sesta sossegado. Não repousava de dia, nem poupava aos que tinham tal costume. Assim, se encontrasse um sujeito adormecido, buscava logo um pouco de tinta e, com habilidade extraordi-

nária, lhe garatujava qualquer cousa na testa sem que êle despertasse.

Os seus esportes favoritos eram o remo, a natação e os passeios equestres. Mau nadador, nem por isso temia as ondas. Gostava igualmente de correr a cavalo, dado que não montasse lá muito bem.

Não tinha mêdo de nada. De uma feita, voou em companhia do conhecido piloto Djalma Petit, num aeroplano que mal cabia os dois. A alturas tantas, o aviador, para experimentar a coragem do passageiro, fez várias acrobacias, entre as quais "folha seca" e "parafuso da morte", sem conseguir atemorizá-lo. (Ao descer do aparelho, dirigiu-se calmamente à tribuna para fazer uma conferência anunciada na véspera).

Muito cêdo despertou nele a tendência para o estudo da Matemática, sobretudo para os cálculos. Assim é que, ainda menino, já calculava com precisão a distância das chuvas pelo som. Uma vez, estando o Seminário na praia a tomar banho, eis que começa a trovejar e a chover em alto mar. Receioso de que o temporal os surpreenda alí, ordena o Pe. reitor se regresse imediatamente a casa.

Prefeito de disciplina da divisão dos maiores, ao ouvir essa voz de comando, êle corre ao rancho, retira do bolso da batina o relógio, fita por instantes os ponteiros e diz ao reitor:

— A chuva só chegará daqui a uma e meia hora...

O banho continuou por mais vinte minutos.

Hora e meia mais tarde, já os alunos recolhidos, começava a chover...

Era tal a sua simplicidade no falar que, ainda discorrendo sôbre assuntos profundos, usava de linguagem simples. Por vezes com um giz ou um instrumento geométrico na mão, demonstrava verdades transcendentais. Um dia, como eu duvidasse da distância que, segundo se dizia, medeava entre a Terra e um novo astro que a Ciência acabava de anunciar ao mundo, êle foi buscar um compasso para me provar a exatidão do cálculo!

Criado na capital, de onde só saía a serviço ou a passeio, divertia-se a valer ouvindo os matutos, cujos ditos e modismos copiava.

Sempre de bom humor e risonho, de si não dizia bem nem mal, e, por virtude ou por temperamento, mostrava-se insensível aos louvores que lhe faziam, muitos dos quais tomava como brincadeira.

Não falava mal de ninguém, e procurava a todo custo evitar as discussões, quer com os seus amigos, quer com os inimigos da Igreja. Provocado, discutiu duas vezes pela pena, uma vez com um "ministro" protestante, outra com um médico, vencendo brilhantemente aos adversários.

Não tolerava a menor censura à Religião, ainda que feita em tom de gracejo. Certa vez conversava-se numa roda acêrca-dos efeitos calamitosos de uma longa estiagem que assolara todo o nordeste brasileiro.

— No comêço desta sêca, disse um dos circuns-

Fotografia apanhada no recesso do lar, em 1937, em que êle aparece ladeado pela mãe e um irmão seminarista (hoje sacerdote) e pela irmã Judite. De pé, no centro, o o velho pai, entre os outros filhos.

tantes, me afirmou o dr. X. que sòmente três espécies de animais escapariam: o padre, o burro e o soldado...

Presente à reunião, perguntou êle, visìvelmente nervoso, ao narrador da piada:

— E êle escapou?

— Sim.

— Então é burro!

— ?

— Claro: não é padre nem soldado...

Acreditava piamente, por convicção pessoal, em tôda a doutrina católica, e procurou viver conforme a sua crença, isto é, santamente: **"Justus autem ex fide vivit**, o justo vive da sua fé" (Rom., 1).

Disse-me uma vez que quanto mais se aprofundava no estudo da Física e da Biologia, tanto mais se convencia de que tudo quanto a Igreja ensina é pura verdade.

— Por uma corrução da vontade, acrescentou, eu poderia vir a ser tudo neste mundo, menos **protestante.**

O **protestantismo** se lhe afigurava ridículo por duas razões: pelo princípio do **livre exame** e pela multiplicidade de seitas, consequência lógica daquele princípio.

Gozou sempre bôa saude, apesar-de alimentar-se muito pouco e trabalhar de mais. A primeira doença grave que o assaltou levou-o à sepultura.

Ninguém sabia quais eram os seus pratos preferidos, porque não se servia bem de nenhum por

apetitoso que fosse. Não raro suprimia o almôço ou o jantar, não se sabe se por esquecimento ou mortificação.

Nunca o sol deu com êle deitado, conquanto tivesse o hábito de recolher-se muito tarde.

Assim viveu, ou melhor — assim passou pela terra essa criatura a um tempo tão singular e tão simples.

— Êsse menino é mais espírito do que carne, dizia D. José Pereira Alves.

E com efeito, dele, talvez com algum exagêro se possa dizer o que de S. Luiz de Gonzaga disse alguem: — A diferença existente entre Luiz e um anjo consiste apenas nisto: o anjo não tem corpo...

SEU TALENTO E SUA CULTURA

XXIII

Creio poder-se dividir os intelectuais em 3 classes bem distintas, assim: **medíocres** (a maioria), **talentos de escol** (poucos) e **gênios** (raríssimos).

A qual desses grupos pertencerá êle?

Não é tão fácil responder a esta pergunta.

Chamá-lo de **medíocre** seria um disparate tão grande, que ninguém de bôa fé se atreveria a cometer. O seu lugar deve estar, pois, entre os **talentos de escol** e os **gênios**.

É cêdo para julgá-lo, porquanto as suas obras ainda não foram publicadas. Cumpre notar, todavia, que, atenta a idade que êle tinha ao desaparecer, a crítica sensata não irá basear-se apenas nos seus escritos quando se dispuser a aquilatar-lhe a superioridade mental: pedirá sem dúvida o testemunho de pessôas que com êle conviveram, ou, pelo menos, acompanharam com o olhar a sua vertiginosa ascensão.

Julgando-se habilitado a falar sôbre o assunto, o autor deste livro faz questão de ser o primeiro a comparecer ante o tribunal da Ciência para depor.

*

Da sua passagem pelo colégio diocesano S. Antônio, onde estudou as primeiras letras, pouco se sabe, porque sôbre ter entrado alí muito criança ainda, demorou apenas 2 anos. Contudo, é fora de dúvida que o seu progresso nas letras como na virtude chamou a atenção dos mestres e condiscípulos. Foi sempre o primeiro da sua classe, quiçá de todo o colégio. Já então mostrou (segundo o testemunho de um dos seus professores, que ainda vive) o que havia de ser em matemática e latim...

Foi no Seminário de Natal que se revelaram os seus dotes excepcionais de espírito e coração. Alí se matriculou em fevereiro de 1919, contando apenas 14 anos de idade, pois viera ao mundo a 3 de janeiro de 1905. E não foi sem dificuldade que transpôs os umbrais do santuário.

Franzino, pálido e míope, ao ser apresentado a D. Antônio Cabral, então bispo diocesano, como candidato ao estado sacerdotal, o ilustre prelado hesitou a princípio em aceitá-lo. Graças, porém, à interferência do então reitor do Seminário e vigário geral da diocese, Mons. Alfredo Pegado, de saudosíssima memória, o sr. Bispo deu consentimento a que êle fosse admitido.

Mais tarde, depois de presidir um exame no Seminário, em que o vira tirar distinção com louvor em tôdas as matérias, disse D. Cabral ao reitor:

— Monsenhor, que joia iamos perdendo!...

Logo no comêço do curso de preparatórios apaixonou-se pela língua latina (sem descurar, entretan-

to, as outras matérias). Tendo como professor de latim o cônego Estêvão Dantas, que era sem favor o maior latinista do Estado e um dos maiores do Brasil, já no terceiro ano passou a rivalizar com o mestre, suplantando-o antes de concluir o curso. Provo. Indo uma tarde felicitar aquele venerando sacerdote (que era também meu professor), pela passagem do seu natalício, disse-me, sem reserva, que "acabava de ser por êle felicitado, em versos latinos, alguns dos quais não sabia traduzir!" — Orgulho-me, rematou o Cônego, de ter um aluno que já sabe mais do que eu!

Concorrendo, pouco depois de ordenado, a um concurso de latim no Ateneu, escreveu, em 16 bôcas de noite, uma tese de 300 páginas!

Inspirado poeta latino, produziu igualmente belos versos em português, que a sua modéstia não permitiu saissem a lume.

Posso afirmar em conciência que as matérias mais difíceis do curso eclesiástico foram as em que êle mais se distinguiu (1). Fez todo o curso com distinção e, por que não acrescentar? — brincando. Brincando, sim, porque as lições que os outros gastavam 3 horas para preparar êle as preparava em 3 minutos! Dotado de uma intuição angélica, um simples

---

(1) *No curso de humanidades*, Latim, Matemática e História Natural (no seu tempo ainda não se estudava alí Física e Química); no superior, Filosofia, Teologia Dogmática e Exegese.

olhar sôbre um capítulo qualquer, por largo que fosse, era o quanto lhe bastava para assimilá-lo. Disse-me certa vez que raramente gastava mais de 2 horas para ler um livro. Só assim se explica como a despeito de suas múltiplas ocupações, lia cêrca-de 200 volumes por ano, que as livrarias lhe enviavam para sôbre êles dar o seu parecer. Segredou-me ainda que, se encontrasse, a esmo, num livro qualquer, uma passagem que lhe chamasse a atenção, 10 anos depois seria capaz de citar de memória o nome do volume e a página em que encontrara a questão. Entretanto, não sabia uma quadra de cor.

Não obstante a facilidade que tinha de aprender numa fração de hora tudo quanto lhe caisse sob os olhos, vivia estudando. Quando aluno, preparada a lição, passava a estudos particulares. Consistiam êstes não só de matérias alheias ao seu curso, mas também de recapitulação. Um dia o surpreendi a ler um tratado de Filosofia estudado há 2 anos. Estranhando que estivesse a recordar uma matéria vista há tanto tempo, observou:

— Estou estudando de novo esta parte da Filosofia, porque nela me deram distinção no exame sem que eu a soubesse bem.

Desta maneira, aprofundou-se não só nas ciências eclesiásticas, mas também nas profanas, muitas das quais para êle não tinham segrêdo.

Não se contentava em aprender uma ciência ou arte pela metade: fazia questão de conhecer tudo e bem. Era um analista na acepção vulgar do têrmo.

Fachada da igreja do antigo colégio Santo Antônio (hoje convento dos Padres Capuchinos), onde êle em 1917 iniciou os seus estudos, aos 12 anos de idade.

Às vezes uma simples curiosidade o movia a estudar um ramo qualquer do saber humano. Por exemplo, resolveu aprender alemão só para traduzir um livro que lhe deram no idioma de Goethe, intitulado **Os rastos de Deus.** Apenas para satisfazer a irmãzinha Judite, que o convidara a fazer-lhe companhia no estudo do inglês, decidiu estudar esta língua.

— Três dias depois que começáramos a estudar juntos, disse-me a menina, êle distanciou-se de mim como o sol da terra!...

Em menos de um mês já traduzia correntemente qualquer trecho seleto. Em minha presença redigiu de improviso, sem êrros, um pensamento de 10 linhas em inglês, e um breve comentário ao capítulo XI do Evangelho de S. Mateus, em alemão.

Familiarizou-se igualmente com o **francês**, o **italiano**, o **espanhol**, o **grego** e o **hebráico.**

Bem se vê que, com o domínio dessas línguas, fácil lhe fôra tornar-se um dos maiores filólogos dos últimos tempos (de que tanto havemos mister). Mas, infelizmente, não quis ou não teve tempo de explorar êsse veio dos conhecimentos humanos. Ademais, nunca se entusiasmou pelo estudo do vernáculo, "por ser uma língua evolutiva" (me disse). Era da mesma opinião de Alencar, isto é, por êle, o idioma nacional seria o **Tupí.**

Contudo, pelo princípio que adotara de aprender bem o que aprendia e, forçado ainda pela necessidade, pois tinha que redigir os seus trabalhos em por-

tuguês, esquadrinhou a nossa gramática; leu inúmeros clássicos, brasileiros e portugueses (1), e acumulou vasto vocabulário, tornando-se por fim um escritor de pulso, assim na correção como no gôsto. Realmente, entre os seus escritos encontram-se páginas que honram qualquer seleta escolar.

Verdadeiro autodídata, aprendeu também **pintura e desenho** Nas horas de folga manejava com mestria o pincel ou o lapis e o esquadro. A sua obra prima entre os trabalhos de pintura é uma "baía da Guanabara" (que pintou aliás antes de conhecer o Rio). Nomeado pelo sr. Bispo desenhista da diocese, vários templos se ergueram no Estado, cujas plantas sairam do seu gabinete.

Montou um laboratório no Seminário, onde analisou mais de dois mil minérios, dentre os quais releva salientar a **sheelita**, por ser até então desconhecida no Rio-Grande-do-Norte.

O seu vastíssimo conhecimento de Biologia levou-o instintivamente ao estudo da Medicina, em geral, chegando mesmo a aprofundar-se em **Patologia, Física médica e Farmacologia.** O acaso lhe proporcionou ensejo de examinar vários doentes, a respeito dos quais firmou diagnósticos que o Raio X confirmou.

Especializou-se igualmente em **Psicanálise.** Sôbre

---

(1) Na sua opinião o maior purista brasileiro, em todos os tempos, foi Machado de Assiz, e o nosso maior poeta Gonçalves Dias.

êste assunto escreveu uma monografia em que refuta diversas teorias de Freud (2).

Além dessa obra, deixou ainda a publicar:

Compêndio de Biologia, Fisiologia da Castidade, O Espiritismo, e centenas de artigos sôbre assuntos vários, os quais se forem colecionados, darão mais de um volume (3).

É êste o depoimento de uma testemunha ocular que acompanhou desde o início a ascensão gloriosa deste astro de primeira grandeza, o qual depois de atingir com rapidez inaudita a mais alta esfera do pensamento humano, apagou-se de repente através dos píncaros iluminados da Ciência e da Santidade.

---

(2) Essa obra não foi encontrada entre os seus papéis. É certo, porém, que foi a primeira que escreveu, conforme mo declarou pessoalmente, em 1935. Trabalho de grande responsabilidade, que por certo seria muito criticado, é possível que, não podendo publicá-lo em vida, tenha êle resolvido destruir os originais.

(3) Não é verdade, como apregoam alguns, que êle não publicou os seus livros por modéstia. Na penúltima carta que me escreveu, em março de 1943, dizia estar pensando em contrair um empréstimo para publicar o seu "*Fisiologia da Castidade*". Escritor ainda desconhecido no país, os editores a quem bateu à porta se recusaram a aceitar os seus escritos sem que êle custeasse parte da impressão. Pobre e já prevendo talvez a aproximação da morte, receiou sem dúvida tomar dinheiro emprestado para tal fim. Eis o motivo principal e único que o obrigou a retardar a publicação das suas obras.

ÍNDICE

CORRIGENDA

Na página 49, onde se lê: "não havia mister livres", leia-se: "não havia mister livros".

À página 58, onde se escreveu: "lhe tivesse faltado meios", emende-se: "lhe tivessem faltado meios". Na expressão — "Maior tesouro, (observa um comentador)," elimine-se a 1.ª vírgula.

A páginas 66 suprima-se a vírgula da palavra *sózinho* na frase "a fazer sózinho brincos de criança".

Em vez de "daqui a uma e meia hora", escreva-se: "daqui a hora e meia" (p. 67).

Êstes e outros pequenos senões que escaparam à revisão o leitor indulgente saberá relevar.